

2013

InFover

InfoVer – Informativo sobre o Mercado de Leite de Vaca do Campo
Uma publicação do DCECO- UFSJ

Ano VI Nº 48– Janeiro de 2013

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ
Campus Santo Antônio
Praça Frei Orlando, nº 170 – Centro
São João del-Rei – Minas Gerais – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2300
www.ufsj.edu.br
Departamento de Ciências Econômicas – DCECO
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
Coord.: Prof^ª: Aline Cristina da Cruz
Técnico Administrativo: Paulo Afonso Palumbo
Mestrando PUCRS: Alexandre Rodrigues Loures
Acadêmicos UFSJ: Fabiana Maria dos Santos Costa
Fábio Júnio da Silva Carvalho
Milana Vera Mendes Pinheiro

São João del-Rei , Janeiro de 2013



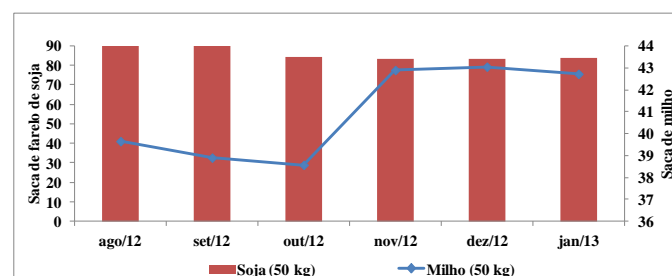
Termos de troca milho, soja e leite

Os preços dos insumos pesquisados pelo DCECO em janeiro comparado a dezembro segundo (Tabela 1) apresentaram variações: três tiveram aumento: a ração pra bezerro, ração pra vaca e o farelo de soja com 4,85%, 3,80% e 0,88% respectivamente. Três registraram queda: sal mineral com 3,55%, farelo de trigo com 16,55% e o farelo de algodão com 4,91%. Já a polpa cítrica e o milho permaneceram constante.

A saca de farelo de soja que custava R\$67,90 em dezembro de 2012, está custando R\$68,50 em janeiro de 2013, uma aumento de 0,88%. Já a saca de milho continua estável custando R\$35,00.

A relação de troca de soja por litros de leite registrou singelo aumento de 0,12 % em relação ao mês de dezembro. Em janeiro o produtor precisou de 83,62 litros de leite para adquirir uma saca de farelo de soja.

Para a relação entre o milho/litros de leite teve um decréscimo de 0,76%; em janeiro o produtor precisou trocar 42,72 litros de leite para adquirir uma saca de milho.



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa).

Figura 1 - Litros de leite necessários para adquirir uma saca de milho ou uma saca de soja

Tabela 1 – Preço médio dos insumos agrícolas em janeiro de 2013

Produto	Kg	R\$	Var. em relação* ao mês anterior	Produto	Kg	R\$	Var. em relação* ao mês anterior
Ração p/vaca	40	42,30	3,80	Ração bezerro	40	43,20	4,85
Sal mineral	30	43,50	-3,55	Farelo soja	50	68,50	0,88
Farelo de trigo	40	24,20	-16,55	Farelo algodão	50	50,40	-4,91
Polpa cítrica	50	25,30	0,00	Milho	50	35,00	0,00

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa).

Nota: * a variação de janeiro de 2013 em relação ao mês anterior é de novembro de 2012 devido à não disponibilidade de dados de dezembro de 2012



DCECO – Departamento de Ciências Econômicas
Praça Frei Orlando, 170 – Centro – São João del-Rei – MG – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
InfoVer: Disponível em www.ufsj.edu.br/dceco



É hora de aproveitar o pasto?

O Brasil possui atualmente cerca de 170 milhões de hectares de pastagens. Esta área corresponde a 76% das terras totais utilizadas para agricultura e pecuária no país, porém mais da metade da área está em algum estágio de degradação, sendo boa parte já em estágio avançado.

Devido às características climáticas do Brasil, a produção de forrageiras apresenta muitas variações em produtividade durante o ano. No período seco, as pastagens apresentam queda na produção de matéria verde, bem como nos níveis de proteína. Isso ocorre devido à falta de chuvas e ao período de duração dos dias, que são curtos. Durante a época das águas, vivenciada atualmente, as condições ótimas para o desenvolvimento das forrageiras são obtidas, pois temos água em abundância e dias longos.

As forrageiras tropicais, como *Brachiaria Brizantha*, *Brachiaria decumbens* e as variedades de *Panicum* são as mais utilizadas no país, sendo valorizadas por sua rusticidade, versatilidade, boa adaptabilidade e proporcionarem boa cobertura do solo. Porém, não se pode apenas levar em conta essas características e desconsiderar o manejo das pastagens, sendo este o maior fator de sucesso ou perdas na produção.

Para o manejo correto das pastagens, deve-se respeitar as alturas de entrada e saída dos animais. Este manejo deve ser empregado tanto em sistemas de pastejo rotacionado ou lotação contínua.

Associando este manejo de controle da altura de entrada e saída dos animais, com uma adubação eficiente e correta, os níveis de produtividade alcançados tendem a ser excelentes e representarem lucro para o produtor, pois os animais terão acesso sempre a um alimento de alto valor nutricional e que será convertido em produção de leite.

A pastagem corresponde à maior área ocupada nas fazendas de leite e pode ajudar a solucionar problemas sanitários como a mastite e principalmente, suprir o déficit de volumoso nas propriedades.

Visando esse aproveitamento da pastagem, o produtor Rogério Barbosa, proprietário do Sítio Dona Chiquinha, localizado em Teixeira (MG) vem investindo na manutenção e correto manejo de seus pastos, e na divisão da área em piquetes rotacionados. Atualmente o produtor está indo para a terceira e última aplicação do NPK 20-05-20, depois de ter feito uma correta correção do solo e também uma adubação fosfatada com MAP.

Com estes investimentos, o Sr. Rogério Barbosa espera aproveitar ao máximo o pasto no período das águas, fornecendo alimento de boa qualidade aos seus animais e, conseqüentemente, garantindo a recuperação dessas áreas que são fundamentais para a sustentabilidade da agropecuária e para a economia do produtor rural.

Jornal da Produção de Leite / Ano XXII - Número 285 - Viçosa, MG - Janeiro de 2013



Tabela 2 – Preço médio por kg dos derivados do leite e do leite longa vida (litro) de São João del-Rei

Produto	Jan/12	Fev/12	Mar/12	Abr/12	Mai/12	Jun/12	Jul/12	Ago/12	Set/12	Out/12	Nov/12	Dez/12	Jan/13
Mussarela	14,05	14,60	14,55	14,55	14,85	14,85	14,85	14,65	14,55	16,18	16,10	17,20	18,10
Queijo Prato	14,70	11,95	11,90	12,55	12,75	13,25	13,45	13,45	13,90	15,98	15,70	15,70	16,00
Mínas Frescal	9,60	8,89	8,96	9,10	9,10	9,25	9,20	9,60	8,95	8,95	8,95	9,95	9,60
Longa Vida	1,82	1,85	1,82	1,85	1,86	1,87	1,86	1,85	1,83	1,85	1,85	1,89	1,87

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Mercado da bovinocultura leiteira de São João del Rei

Os preços médios dos derivados do leite pesquisado pelo DCECO (Departamento de Ciências Econômicas) segundo (tabela 3) sofreram pequenas modificações no mês de janeiro. Dos quatro derivados, dois apresentaram aumento: a mussarela com 5,23%, o queijo prato com 1,91%. Já o queijo minas frescal obteve queda de 3,51% e o leite longa vida 1,05 %.

Quanto ao preço médio do leite pasteurizado tipo C segundo (Tabela 4), em janeiro, este se manteve com pequeno aumento de 2,19%, registrando um preço médio de R\$1,86.

O preço líquido médio do leite pago ao produtor sofreu alterações, no mês de janeiro. Na média estadual, quando comparado a dezembro de 2012, houve queda de 6,03% e na média nacional 5,97%.

Tabela 3 – Preço médio do leite Tipo C pasteurizado em São João del-Rei

Mês/Ano	R\$	Var*
Dez/2012	1,82	0,00
Jan/2013	1,86	2,19
Fev/2013		
Mar/2013		
Abr/2013		
Mai/2013		
Jun/2013		
Ago/2013		
Set/2013		
Out/2013		
Nov/2013		
Dez/2013		

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Nota: *Variação em relação ao mês anterior

Segundo a Figura 2, a região da Zona da Mata, em janeiro, verificou-se, o decréscimo de 6,88% no preço pago ao produtor em relação a dezembro de 2012.

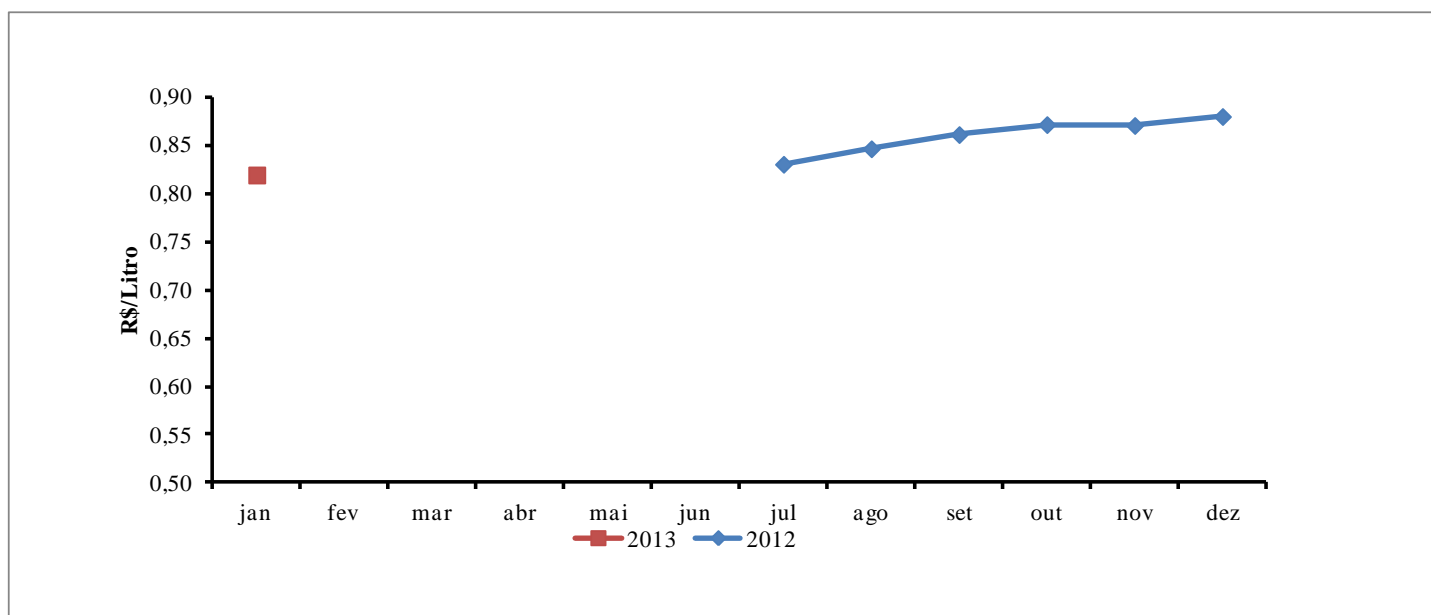
Tabela 4– Preço líquido do litro de leite, janeiro 2013

MESORREGIÃO	PREÇO LÍQUIDO MÉDIO	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO MÊS ANTERIOR
ZONA DA MATA	0,8192	-6,88%
MÉDIA ESTADUAL	0,8328	-6,03%
MÉDIA NACIONAL	0,8219	-5,97%

Fonte: Cepea (2013). Boletim do leite. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/boletim/216.pdf>

Nota: Valor deflacionado pelo IGP-DI





Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa).

Figura 2 – Variação do preço livre pago ao produtor da Zona da Mata deflacionado



DCECO – Departamento de Ciências Econômicas
Praça Frei Orlando, 170 – Centro – São João del-Rei – MG – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
InfoVer: Disponível em www.ufsj.edu.br/dceco



Importância do ponto de colheita do milho

Renato Shinyashiki
Estudante de Zootecnia

A silagem de milho sendo produzida com qualidade pode reduzir gastos com concentrado e otimizar o lucro da atividade. A alimentação de vacas lactantes é baseada em fornecimento de concentrado e volumoso. Com o aumento dos custos do concentrado, atingindo aproximadamente 35% dos gastos na propriedade leiteira, uma maneira de reduzir esse gasto é produzindo um volumoso de qualidade. Deste modo, reduz-se a quantidade de concentrado, balanceando-se uma dieta que supra as exigências dos animais.

O ponto ideal do grão para ensilar é quando está no estágio de farináceo-duro. Para identificar este estágio, é importante observar a linha do leite do grão. Este método prático é de alta confiabilidade e baseia-se em partir uma espiga ao meio e observar o grão. No momento correto de colheita, metade do grão estará com a cor branca e a metade externa com cor amarela. Outros aspectos a serem avaliados são que as palhas da espiga iniciam o processo de secagem, mas as folhas e colmos permanecem com a coloração verde. Outra observação é que, nesta fase, ao se partir um grão, percebe-se a textura farinácea no seu interior.

Para se obter a silagem de boa qualidade, esta deverá conter, aproximadamente, 40% de grãos. Para isso, deve-se escolher um híbrido de boa digestibilidade e produtividade (grãos e matéria verde). Outro fator importante neste processo é a “janela de ensilagem”, que é período em que a lavoura de milho permanece no ponto ideal de colheita. Vale destacar que esta janela pode variar de acordo com a capacidade do híbrido de retardar a maturação da planta, enquanto o grão continua amadurecendo. Este processo é conhecido como “stay Green”.

O ciclo da cultura do milho vai desde o dia da semeadura até a maturação fisiológica. Essa duração é variável de acordo com o híbrido (normal, precoce, superprecoce) e com as condições climáticas, pois, normalmente, um mesmo tipo de material pode alongar ou encurtar o ciclo dependendo da temperatura e umidade.

Deste modo, não é recomendado que se faça a estimativa do tempo de colheita de acordo com a data de plantio. A planta para ser ensilada deverá estar com 35% de matéria seca. Nesse momento, terá concluído 95% do potencial de produção de grãos, 100% do potencial de produção de matéria verde e a silagem terá boa digestibilidade. Isso equivale a dizer que o animal maximizará a absorção de nutrientes do alimento, reduzindo a quantidade de nutrientes excretados nas fezes. Como pode ser observado na tabela.

Tabela 6 – Potencial de produção e teor de matéria seca (MS) da planta de milho conforme estágio de maturação

Estágio de Maturação	Potencial de Produção		
	Grãos	Planta	Teor de MS
Florescimento	0	55	15
Formação grão	10	60	20
Leitoso	55	75	25
Farináceo	75	85	30
Farináceo-duro	95	100	35
Duro	100	100	40

Fonte: Jornal da Produção de Leite / Ano XXII - Número 285 - Viçosa, Minas Gerais.

Tendo em vista que 35% a 40% do custo da silagem estão na etapa de colheita, é necessário que haja muita atenção neste processo. A falha na escolha correta do momento de colheita pode se tornar o gargalo para a produção do volumoso, sendo que se a cultura for colhida antecipadamente, será ensilada com baixa matéria seca e irão ocorrer perdas. Ademais, pode haver contaminação por microorganismos indesejáveis ocasionando mofos. Caso for colhida tardiamente, comprometerá a digestibilidade da silagem e o processo de compactação do silo, que irá atrapalhar no processo de fermentação. Portanto, pode-se concluir que se atentar ao momento de colheita é fundamental para produzir um volumoso de qualidade, o que representa maior produção de leite e maximização dos lucros na atividade.

Jornal da Produção de Leite / Ano XXII - Número 285 - Viçosa, MG - Janeiro de 2013

